

MERCADOS EM CRISE: BC puxa juros de 40,10% para 40,20% ao ano

Negócios com títulos da dívida externa ficam perto do colapso

Bancos vendem os 'bradies' brasileiros, mas não entregam

Marcelo Aguiar

• A desordem tomou conta do mercado de títulos da dívida externa brasileira. Os grandes bancos de investimento internacionais, principais atores desse mercado, estão vendendo os papéis uns para os outros, mas não estão entregando. Muitos investidores compraram há mais de um mês, mas continuam sem receber. Os C-Bonds e IDUs, os mais líquidos dos *bradies* brasileiros, estão em falta no mercado.

O reflexo mais visível da falta dos papéis no mercado é a queda no volume de negócios. Nos C-Bonds, o mais importante de todos os títulos de países emergentes, a redução foi de mais de 50%. Os títulos movimentavam US\$ 945 milhões por dia, até o início do mês passado, e ficaram apenas US\$ 406 milhões diários na semana passada. O volume médio do IDU teve queda ainda maior, de US\$ 414 milhões diários para US\$ 91 milhões.

Grandes bancos se reúnem na segunda para achar solução

O problema cresceu tanto que, na segunda-feira, os maiores participantes desse mercado se reunirão em Nova York para tentar evitar um colapso total. Estarão na reunião instituições como CS First Boston, ING, J.P. Morgan, Indosuez, Salomon Brothers, Citibank, Chase Manhattan, Goldman Sachs, Lehman Brothers, Morgan Stanley e uma única brasileira, a BB Securities (controlada pelo Banco do Brasil, em Londres).

Mas há um contra-senso: mui-

tas dessas instituições estão entre as que não vêm entregando o papel. Um dos bancos que guardam o papel em custódia para investidores, o Daiwa, já até se recusa a operar com o Lehman.

A origem no problema está em um mecanismo que até então servia para estimular o crescimento do mercado. Os bancos que apostam na queda do preço dos títulos costumam vender os papéis mesmo sem tê-los na carteira. Eles vão então ao mercado e pegam alugado os papéis de outros investidores. Até dois meses atrás, os investidores que ofereciam os papéis para aluguel pagavam taxa de 5,5% ao ano a quem pegava emprestado. Agora, os títulos ficaram tão difíceis que ocorre o contrário: o dono do papel recebe 3% ao ano para emprestar o seu título.

Ainda assim, praticamente não há oferta de C-Bonds e IDUs. Quem tem, não entrega, o que sustenta as cotações acima do

que seria de esperar. Há quem diga que a BB Securities, em nome do Governo, teria retirado grande quantidade de títulos do mercado para manter preço alto — e diminuir a avaliação do risco Brasil, que muitos fazem observando as taxas dos títulos da dívida.

C-Bond tem alta de 1,5% e fecha a 62,76% do valor de face

Ontem, os C-Bonds voltaram a subir. Os papéis fecharam a 62,76% de seu valor de face, com alta de 1,5% sobre a véspera.

O país voltou a sofrer perda de divisas, mas em menor escala. Mesmo com grandes operações de entrada de dólares, o saldo ficou negativo em cerca de US\$ 350 milhões até o início da noite, um dos menores do mês.

As bolsas de valores tiveram queda de 1,94%, em São Paulo, e 2,48%, no Rio, com pouquíssimos negócios. No interbancário, o BC puxou levemente os juros, de 40,10% ao ano para 40,20%. ■

Editoria de Arte

